

FACULDADE SÃO LUIZ DE FRANÇA

VALENTINA MARIA OSES NAVARRO

**FESTAS CRISTÃS E MANIFESTAÇÕES TRADICIONAIS LOCAIS:
INCORPORANDO ASPECTOS DA CULTURA LOCAL NO CALENDÁRIO ANUAL
DO JARDIM WALDORF.**

ARACAJU

2019

VALENTINA MARIA OSES NAVARRO

**FESTAS CRISTÃS E MANIFESTAÇÕES TRADICIONAIS LOCAIS:
INCORPORANDO ASPECTOS DA CULTURA LOCAL NO CALENDÁRIO ANUAL
DO JARDIM WALDORF.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade São Luís de França como um dos pré-
requisitos para a obtenção do título de Especialista
em Fundamentação em Pedagogia Waldorf.
Orientadora: Prof. Susanne Rotermond.

Aracajú 2018

FESTAS CRISTÃS E MANIFESTAÇÕES TRADICIONAIS LOCAIS. INCORPORANDO ASPECTOS DA CULTURA LOCAL NO CALENDÁRIO ANUAL DO JARDIM WALDORF.

Valentina Maria Oses Navarro¹

RESUMO

O presente trabalho, tem como objetivo refletir e debater aspectos teóricos e práticos em torno das possíveis relações entre as manifestações culturais locais e as festas do calendário anual do ensino infantil na Pedagogia Waldorf. Para a realização do cumprimento do objetivo anunciado, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e reflexão sobre a própria prática pedagógica. A partir da relação entre estas três fontes de pesquisa, se constatou que a celebração de festas durante o ano tem inúmeros benefícios no desenvolvimento da criança, configurando-se também como umnexo entre o currículo do ensino infantil Waldorf e a cultura local. Também se constatou que é possível e necessário incorporar elementos da cultura local no processo de aprendizagem escolar, pois estes elementos fortalecem os laços entre escola e comunidade, elevam a autoestima das famílias e da criança e apoiam os estudantes na construção da sua identidade de maneira adequada, ao outorgar e valorizar elementos simbólicos construídos a partir da sua própria realidade, história e ancestralidade. Para isto é necessário conhecer as fontes da cultura local incentivando o contato do(a) professor(a) e dos estudantes com informantes locais e mestres da cultura popular como maneiras de preservação, valorização e transmissão do acervo identitário local, considerando este, como fonte válida de conhecimento e um recurso de grande potencial pedagógico.

Palavras-Chave: Ensino Infantil. Pedagogia Waldorf. Manifestações tradicionais locais. Festas anuais. Festividades tradicionais. Identidade Cultural. Cultivo da alma do povo.

¹ Formada em Educação Diferencial pela Universidad Católica de Valparaíso. O presente estudo faz parte do trabalho de conclusão do Curso de Fundamentação em Pedagogia Waldorf.
Contato: ufisas@yahoo.es

RESUMEN

Este trabajo, tiene por objetivo reflexionar y debatir aspectos teóricos y prácticos en torno de las posibles relaciones entre las manifestaciones culturales locales y las fiestas del calendario anual de la educación pre-escolar en la Pedagogía Waldorf. Para cumplir este objetivo, se realizó revisión bibliográfica, estudio de campo y reflexión sobre la propia práctica pedagógica. A partir de la relación entre estas tres fuentes se constató que la celebración de fiestas durante el año tiene numerosos beneficios para el desenvolvimiento de niños y niñas, configurándose también como un nexo entre el currículum de la educación preescolar Waldorf y la cultura local. Asimismo, se pudo constatar que es posible y necesario incorporar elementos de la cultura local en el proceso de aprendizaje escolar, pues estos elementos fortalecen los lazos entre escuela y comunidad, elevan la autoestima de las familias y de los niños y niñas apoyándolos en la construcción de su identidad de manera adecuada, al otorgar y valorizar elementos simbólicos contruidos a partir de su realidad, historia y ancestralidad. Para esto es necesario identificar fuentes de la cultura local, incentivando el contacto del profesor(a) y de los estudiantes con informantes locales y detentores de la cultura popular como maneras de preservación, valorización y transmisión del acervo identitario local. Se trata, además, de aprovechar dicho acervo como una fuente válida de conocimiento y un recurso de enorme potencial pedagógico.

Palabras-Claves: Educación preescolar. Pedagogía Waldorf. Manifestaciones tradicionales locales. Fiestas anuales. Festividades tradicionales. Identidad Cultural. Cultivo del alma de los pueblos.

ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect on and discuss theoretical and practical aspects of possible relationships between local cultural events and the festivities on the annual calendar of pre-school education in the Waldorf Education. To fulfil this objective, a bibliographical review, field study and reflection on the pedagogical practice itself were carried out. From the relationship between these three sources it was found that the

celebration of festivals during the year has numerous benefits for the development of children, and also forms a link between the curriculum of Waldorf pre-school education and the local culture. Likewise, it was noted that it is possible and necessary to incorporate elements of the local culture in the school learning process, since these elements strengthen the bonds between school and community, raise the self-esteem of families and children by supporting them in the construction of their identity in an appropriate way, by granting and valuing symbolic elements built from their reality, history and ancestry. To this end, it is necessary to identify sources of local culture by encouraging teachers and students to make contact with local sources and teachers or custodians of popular culture as ways of preserving, enhancing and transmitting the local identity heritage. It is also a matter of taking advantage of such heritage as a valid source of knowledge and as a resource of huge pedagogical potential.

Key words: Preschool education. Waldorf Pedagogy. Traditional local manifestations. Annual festivals. Traditional festivities. Cultural identity. Cultivation of the souls of the people

1 INTRODUÇÃO

Sou jardineira Waldorf e atuo no estado da Bahia, localizado no nordeste brasileiro, região rica em festas populares que incluem diversas linguagens artísticas, dentre elas música, dança, teatro e artes plásticas. Nestas manifestações, é expressada uma profunda conexão com os mundos espirituais e com a raiz ancestral.

Muitas destas festas coincidem com as datas das festas do calendário anual do Jardim Waldorf, recorte deste estudo.

Antes de trabalhar como jardineira, passei alguns anos viajando e praticando música por latino América, conheci quase todo o nordeste brasileiro e me encantei com suas manifestações plenas de sentido, onde passado presente e futuro se unem através de arquétipos e símbolos.

Terminada esta viagem, comecei trabalhar num jardim de infância inspirado na Pedagogia Waldorf e durante esta experiência, senti a necessidade de trazer para a

rotina escolar elementos destes festejos através de imagens, histórias e cantigas. Para isso era preciso compreender o ponto de encontro entre a pedagogia Waldorf e as manifestações culturais locais sem uma contradizer a outra, tendo como finalidade o desenvolvimento pleno e saudável da criança. Foi então que conheci o termo “cultivo da alma do povo”, especificamente o “cultivo da alma brasileira”², considerei que este podia representar o “caminho do meio” o ponto de encontro de estas duas correntes. No momento de elaboração de este estudo trabalhava num jardim na comunidade de Palmeiras, uma pequena cidade do interior da Bahia. Através da observação cotidiana das crianças e do diálogo com os pais, vivenciei como as festividades e os costumes locais vão sendo esquecidos, dando lugar aos costumes alheios à cultura tradicional e que tem sido impostos, de maneira encoberta, majoritariamente pelos meios de comunicação. Neste cenário, cabe à escola, como comunidade, e ao professor, como agente de transmissão cultural, ressignificar elementos culturais para o desenvolvimento das crianças e para manter viva a cultura e identidade local.

No currículo Waldorf, principalmente do jardim de infância, são comemoradas diversas festas durante o ano. Estas festas são o pano de fundo do que acontecerá no dia-a-dia do Jardim Waldorf pois por um lado, as imagens trazidas na história, a roda rítmica e canto de época estarão diretamente relacionadas à festa. Além de todas as atividades de preparação da festa serem realizadas junto às crianças, sendo a celebração o momento de culminação do processo, ao passo que a cultura tradicional local comemora diversas festividades populares ao longo do ano, por meio de imagens ligadas a realidade social, geográfica e climática. As manifestações tradicionais mobilizam a comunidade e precisam de um planejamento individual e grupal assim como uma dedicação ao desenvolvimento de diversas práticas artísticas, (como teatro, dança, música, artes plásticas, culinária, trabalhos manuais, dentre outras) constituindo-se em uma rica experiência de cooperação e ampliação das próprias capacidades através da arte, trazendo assim para a criança do primeiro setênio gestos e atitudes dignas de serem imitadas. Neste sentido, o objetivo de qualquer festa ultrapassa as necessidades individuais, assim como as necessidades

² Campo de estudo difundido e aprofundado pelo Grupo Pindorama tendo como base textos e palestras de Rudolf Steiner principalmente as ministradas no ano 1910 compiladas no livro intitulado “A missão das almas dos povos” relacionando estes e outros textos do autor com literatura oral e escrita proveniente de culturas indígenas e afro-brasileiras.

práticas do grupo que a festeja, atingindo outras instâncias, referentes à alegria da comunidade como um todo e a celebração de forças espirituais expressadas nas forças da natureza.

Perante a existência destas festividades nas escolas Waldorf e nas comunidades locais surgem perguntas a respeito de quais relações são possíveis a serem estabelecidas entre o calendário anual da pedagogia Waldorf e as manifestações culturais locais? É possível incorporar elementos da cultura local sem perder os objetivos e conteúdos da pedagogia Waldorf, nem modificar o sentido das tradições locais?

1.1 Objetivos

O presente trabalho visa refletir e debater aspectos teóricos e práticos em torno das possíveis relações entre as manifestações culturais locais e as festas do calendário anual da Pedagogia Waldorf.

1.11 Objetivos específicos

- Conhecer e identificar a importância e o sentido das festas anuais no calendário da Pedagogia Waldorf para o desenvolvimento da criança no primeiro setênio.
- Identificar e descrever as principais festas populares do município de Palmeiras BA.
- Conhecer e buscar possíveis relações entre os princípios das festas do calendário das escolas Waldorf e das festas tradicionais do Município de Palmeiras BA.

Para isso é preciso definir fontes de informação da cultura local e estabelecer estratégias de contato do professor com a mesma, como fonte de recursos pedagógicos, para promover o contato entre professores e mestres das culturas tradicionais. Também, abordaremos as principais festas do calendário do jardim

Waldorf analisando seu sentido e forma de festejar e a sua relação com as festas populares do Município de Palmeiras BA. No final deste artigo relatarei minha experiência na vivência da incorporação de elementos da cultura local e participação em manifestações tradicionais como eixos do planejamento mensal e anual.

1.2 Justificativa

No ensino infantil, as festas anuais na Pedagogia Waldorf trazem forças espirituais de grande valor para o desenvolvimento do ser humano, constituindo-se em alimento anímico para a criança, estas festas são esqueleto do planejamento pedagógico do professor. Mas é fato, que por ter sido concebida na Alemanha, muitas das imagens trazidas pela Pedagogia Waldorf, abordam elementos climáticos, flora e fauna e inclusive elementos musicais alheios a nossa realidade. Mesmo valorizando a conversação com outras culturas é preciso incorporar aspectos que pertencem ao repertório das famílias das crianças e suas memórias, imagens que se relacionem com o seu entorno cotidiano, sua ancestralidade e a história do território em que vivem. Em geral, tanto na bibliografia como na pesquisa de práticas pedagógicas é reconhecida e mencionada sem embargos, a importância da incorporação de elementos da cultura local nas práticas pedagógicas no jardim de infância, porém não existe um aprofundamento na temática. Neste sentido, MENDOÇA 2001 afirma que “não há, nas escolas ou no ensino formal, alusões às festas populares, exceto em manuais mais ou menos confiáveis sobre o “folclore” (p.5). Ao passo que, na pedagogia Waldorf, não existem estudos que identifiquem as possíveis relações entre o calendário anual e as festas e manifestações culturais locais, nem pesquisas que reflitam à respeito da importância de incorporar estas manifestações no currículo do ensino infantil na Pedagogia Waldorf. Ao incorporar as manifestações culturais locais no currículo da escola fortalecemos a identidade cultural das crianças, ajudando-as a se localizar no tempo e no espaço, a entender sua própria história, e assim saber mais sobre si mesmas. Por estas razões, torna-se relevante fazer esforços para estabelecer possíveis relações entre o currículo das escolas Waldorf e as manifestações culturais locais, respeitando estas relações como uma forma de tornar os conteúdos anímicos trazidos pela Pedagogia Waldorf, realmente significativos para as crianças e suas famílias, sendo importante, também, como meio de vinculação da escola com a comunidade local.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 As festas anuais no currículo Waldorf

São festas que ressignificam e simbolizam o caminho do autodesenvolvimento humano a partir dos marcos importantes da vinda de Cristo na terra. Trazendo assim, metaforicamente diferentes aspectos da energia crística. Assim cada ser humano e a humanidade toda vão amadurecendo no caminho da autorrealização numa espiral ascendente ano a ano. Nas festas do calendário anual na Pedagogia Waldorf são abordados aspectos profundos do ser humano, trabalho que age no nível do inconsciente a partir de imagens que trazem valores e forças espirituais universais.

Estas festas cíclicas, são de suma importância no desenvolvimento da alma humana, pois trazem um movimento interno que outorga pontos de apoio e referência para sua vida, sendo recordações ativas que o situam no tempo e no espaço. Segundo Stibulov (2015), a vida do ser humano é um processo cíclico em que, naturalmente, se vivenciam etapas sucessivas. A pausa entre estas etapas outorga possibilidades de renovação para a alma humana. Estes eventos periódicos criam um ritmo, e vivenciá-los conscientemente traz vitalidade. A autora destaca a importância de desenvolver a percepção dos ritmos da natureza e como estes permeiam e atuam sobre os seres vivos e o ser humano, como uma maneira de se acercar desse impulso e sinala que as festas anuais "...constituem marcos na vida social, da história familiar e também da história da humanidade..." (p.154), celebrando a vida com alegria, brincadeira, música e dança, se renovam as forças através do encontro entre pessoas. A autora também realça, que cada festa constitui um ciclo em si mesma, como um processo que vai se construindo aos poucos, tendo os preparativos no começo, a comemoração como ápice e o encerramento e "desprodução" como finalização. Neste mesmo sentido, Menezes (1996) e Pereira (2014) citados por Freitas (2013) afirmam que "Uma festa não se esgota em si mesma, mas envolve também seus preparativos e suas repercussões"(p.5), desta maneira, a vivência destes momentos de uma festa, permite a possibilidade de vivenciar o verdadeiro sentido do tempo e espaço. Vemos assim que as festas anuais trazem um ritmo que fortalece a saúde, o que é uma base do pensar da vida escolar, a partir de uma respiração entre expansão e concentração, o

ritmo ajuda a amadurecer os sentimentos, e sua repetição fortalece a vontade. Em diálogo, LAMEIRÃO (2017) acredita que “nós festejamos o decurso do ano porque festejamos a qualidade da autonomia” (p.16), segundo a autora esta qualidade foi trazida pela figura do Cristo através do seu ato na terra. E sinala que é esta autonomia que torna as pessoas verdadeiros seres humanos e que a procura pelo ideal de um ser humano capaz de direcionar a própria vida, permite que a pedagogia Waldorf seja um modelo pedagógico possível em tantos países, mesmo estes sendo culturalmente tão diferentes entre si.

2.2 As festas Cristãs, seu significado e símbolos num diálogo com as festas tradicionais.

Em seguida, serão abordadas as quatro principais festas cristãs comemoradas no calendário anual das escolas Waldorf e traçada uma reflexão sobre seus significados; como se celebram dentro do jardim Waldorf; quais festas tradicionais são celebradas no Município de Palmeiras Bahia na mesma época, desvelando o sentido da celebração em si mesma; e quais são os pontos de encontro entre as festas anuais do jardim Waldorf e as festas tradicionais do Município de Palmeiras.

Cada uma destas festas pode ser associada a uma estação do ano, a um solstício ou equinócio. Neste sentido STEINER 1923 plantea que é exercida uma ação conjunta de forças espirituais dos Arcanjos, durante cada uma das estações do ano, estas se transformaram em forças formativas para o ser humano, quando são derramadas desde o interior da terra pela ação emanada pelo Arcanjo no cosmo desde o lado oposto do hemisfério terrestre. Tendo em cada estação do ano a ação conjunta de dois Arcanjos (um desde o cosmo e outro desde dentro da terra). O autor explica que este processo acontece ano a ano da seguinte maneira:

No verão, (Advento no nosso hemisfério) o Arcanjo Uriel atua de cima irradiando com a luz brilhante do sol as forças da natureza (nuvens, raios e até o crescimento das plantas). E também, desde embaixo da terra permeando o ser humano interiormente está a ação do Arcanjo Gabriel, trazendo as forças estruturantes e modeladoras da nutrição para dentro dos seres humanos (estas forças estão ativas no sistema metabólico).

No outono, (Páscoa no nosso hemisfério) o Arcanjo Micael irradia desde as alturas, forças de movimento, orientando o caminho da humanidade como um todo. Desde embaixo, quem atua é o Arcanjo Rafael trazendo as forças curativas ao lado dos seres humanos (no seu sistema respiratório).

No inverno, (São João em nosso hemisfério) O Arcanjo Gabriel, nas alturas, irradia forças que criam as nuvens. Enquanto o Arcanjo Uriel atua de baixo para cima, trazendo as forças do pensamento e irradiando forças que “provocam o aparecimento de uma cópia do cosmo nas nossas cabeças, iluminando-nos de tal modo que ficamos possuidores de sabedoria humana” (p.3).

Na primavera, o Arcanjo Rafael irradia desde o cosmos, transformando as forças da natureza em forças curativas para a esfera terrestre. Do outro lado, está o Arcanjo Micael, e sua ação penetra através da terra irradiando forças de movimento no ser humano, as que se traduzem em força de vontade, para cada ser humano trabalhar e tomar a vida em suas próprias mãos.

2.2.1 Advento

O advento é comemorado durante as quatro semanas antes do natal. Simboliza a preparação para a chegada da energia crística na terra através do nascimento do menino Jesus no coração de cada ser humano.

Desta maneira:

“ O Advento é o período de renovação da fé e, principalmente, da esperança, que o ser humano, um dia, seja capaz de superar as falhas, as doenças físicas e mentais, e deixar nascer o Homem são , capaz de espelhar em si o cosmo”.
(DE ALMEIDA KARIN , 2012: p.5).

STIRBULOV, 2015 menciona três razões para comemorar o Natal, em função do passado, presente e futuro. A primeira, é o nascimento de Jesus como fato histórico. A segunda, é a possibilidade de renovação e renascimento das nossas forças interiores. A terceira razão está relacionada à fé na mudança dos valores para o futuro da humanidade, a partir do impulso do amor.

Algumas práticas tradicionais para comemorar o Natal no Jardim Waldorf

Presépio: Começamos a montar o presépio 4 semanas antes do natal. Dispondo um caminho de velas correspondente ao numero de dias que faltam para chegar ao dia 24 de dezembro a partir do primeiro dia do advento (4 domingos antes do natal) no final do caminho teremos a manjedoura vazia, este caminho será percorrido pela Virgem Maria que a cada dia irá avançar acendendo uma nova vela, para chegar no dia 24 na manjedoura, em que as 24 velas estarão acesas. A cada semana serão incorporados novos elementos dos quatro reinos.

Na primeira semana aparecem elementos do reino mineral como pedras, lagos, etc. Na segunda semana aparecem elementos do reino vegetal como folhas flores e plantas. Na terceira semana se incorporam elementos do reino animal como penas, conchinhas, asas de borboleta e bonecos de animais feitos a mão representando os animais do estábulo. E na quarta semana aparecem os seres humanos, trazendo bonecos feitos a mão representando os pastores. As crianças são convidadas a trazerem novos elementos de cada reino, a cada semana, para juntos montarmos o presépio. Durante cada semana, será contada uma historia que remeterá a caminhada de Maria e José rumo a Belém sendo ajudados por elementos dos reinos correspondentes a semana. Assim o presépio é montado num processo criativo que traz a imagem da criação do mundo, como o reflexo da criação do mundo dentro de cada criança que culmina no nascimento de um novo ser humano.

Principais manifestações na cultura tradicional no Município de Palmeiras.

Lapinhas

Imagem 1



São grandes presépios enfeitados com flores, plantas e brinquedos (esta manifestação será explicada com detalhes mais adiante no relato de experiência). A lapinha traz a imagem da renovação a partir do nascimento de Jesus. Através dos brinquedos ressalta o valor da cultura da infância como um tesouro que se mantém de geração à geração.

Reisado

Imagem 2



Esta manifestação se encontra em quase todo o nordeste do Brasil, tendo como temática o nascimento do menino Jesus e a visita dos Reis Magos. Cada localidade tem seu reisado e cada um traz elementos particulares da sua região nas vestimentas, músicas e brincadeiras. O elemento comum é a procissão do “terno de Reis” que visita algumas casas para brincar celebrando o nascimento de Jesus. Os donos de cada casa se preparam enfeitando a casa com motivos natalinos, presépio ou lapinha e comidas para receber quem estiver acompanhando o reisado.

Pontos de encontro

O presépio e a lapinha são duas expressões do nascimento de Jesus.

A festa do reisado é comemorada na época de férias no Brasil mas o dia de reis pode ser comemorado pelas famílias das escolas Waldorf como a culminação do presépio, assim poucos dias antes, os reis representados por três bonecos vão se aproximando do presépio até chegar com presentes para as crianças no dia 7 de Janeiro (dia de Reis).

Todas estas manifestações tem como ponto de encontro a celebração da renovação do amor em nossos corações, o amor puro simbolizado por um novo ser humano que chega ao mundo trazendo também renovação de alegria e esperança para começar um novo ciclo, um novo ano, e um novo sol. Pois enquanto comemoramos aqui na terra, no céu também acontece uma festa: o solstício de verão para nosso continente. Podemos perceber a atuação de ambos Arcanjos, Uriel desde as alturas, representado na vinda do Cristo na terra nas lapinhas e Gabriel, junto aos seres humanos nas forças da nutrição, representado nas mesas fartas de comidas oferecidas nas casas visitadas pelos ternos de Reis.

2.2.2 Páscoa

A raiz da palavra Páscoa que vêm da palavra passagem Segundo STIRBULOV “está relacionada à morte e ressurreição de Cristo. É uma festa de transformação. A morte se transforma em vida novamente” (p.161). Esta autora sinala que a Semana Santa é “uma fase de interiorização e de preparação para vivenciarmos a nossa transformação”. (p.161). Neste sentido, o significado de passagem faz referência à “mudança de uma forma de viver para o renascer de uma nova forma”(p.161). Neste renascimento interior, a força do amor age como uma ferramenta de transformação. LAMEIRÃO 2017 agrega que a páscoa nos outorga duas possibilidades: “a vitalidade vivenciada pela boa disposição ao amanhecer; e a renovação de nossos ideais”. (p.15).

Como se comemora Páscoa nos jardins Waldorf no Brasil?

A imagem mais usada no jardim nesta época é a da lagarta que vira borboleta. Esta imagem pode aparecer em histórias, rodas, em decorações da sala em que as mudanças da lagarta possam ser percebidas dia após dia.

Outra imagem usada é a do ovo, que segundo STIRBULOV “é o símbolo da vida e da eternidade, renascimento da natureza”.

eles são cozidos, coloridos com tintas ou giz de cera e escondidos para serem procurados pelas crianças no domingo de páscoa. STIRBULOV sinala que “a procura dos ovos tem o significado de estarmos em busca “do novo”, e, quando achamos, surge uma alegria que nos alimenta”(p.162).

Principais manifestações na cultura tradicional no Município de Palmeiras.

As manifestações culturais em Palmeiras estão estreitamente relacionadas a igreja católica, através da via crucis, assim como de representações da morte e ressurreição de Cristo. Uma particularidade nesta região acontece no dia da Paixão de Cristo, em que as mulheres rezadeiras se reúnem para rezar para as almas perto da nascente de um rio. Como uma forma de ajudá-las na sua elevação e transformação.

Pontos de encontro

Ambas festas abordam a morte e ressurreição do cristo.

Pelo fato de ser orientada às crianças com até 7 anos, no jardim Waldorf a morte e ressurreição é abordada através de metáforas, de uma maneira cuidadosa para que as imagens trabalhem profundamente na criança sem feri-la ou assustá-la.

Nesta época, podemos perceber a atuação da Arcanjo Micael como energia crística guiando a humanidade com os ensinamentos do amor ao próximo e a irmandade entre seres humanos. Assim na Reza às Almas, vemos as forças Micaélicas, no encontro das rezadeiras de ajuda altruísta junto as forças curativas do Arcanjo Rafael.

2.2.3 São João

É comemorado no dia 24 de junho, data do nascimento de São João.

Segundo STIRBULOV,2015 São João espelha a força crística por meio da reflexão e do reconhecimento da consciência individual. Assim João veio a anunciar o novo tempo de renovação de consciência e amor trazidos por Jesus a partir da transformação interna de sentimentos, pensamentos e formas de viver.

Esta autora, também se refere a três razões para comemorar São João:

“O primeiro nos remete a refletirmos sobre a força da individualidade. O segundo motivo é podermos reconhecer e religar a nossa dimensão física à espiritual. O terceiro diz respeito à nossa unificação social.” (p.159).

A autora sinala que a diferença do Natal, que é uma festa celebrada em família, a festa de São João, é uma comunhão social. Assim a imagem da fogueira vem representar o encontro da nossa luz interior com a luz interior do outro. Dançando, cantando e brincando juntos, se cria a possibilidade de gerar encontros fortalecendo as relações sociais.

Como se comemora São João nos jardins Waldorf no Brasil?

As escolas Waldorf no Brasil, já incorporam elementos da cultura local nesta festa. Durante a comemoração, ascende-se uma fogueira e todos são envolvidos pela dança e repertório de músicas tradicionais desta festa com seus principais ritmos: xote, forró,

rastapé e baião. Não pode faltar as brincadeiras, comidas típicas e a decoração com bandeirolas e balões.

Os principais símbolos de esta festa segundo Stirbulov (2015) são:

Fogueira: Ela representa a luz interior que continua a brilhar mesmo no frio do inverno. Balões e o mastro: representam a possibilidade do ser humano de se religar com nossa essência divina.

Bandeirolas: anunciam aos que chegam o caminho da festa.

Principais manifestações na cultura popular no Município de Palmeiras.

Imagem 3



O ciclo das Festas Juninas é um evento comemorado no nordeste inteiro com grandes festas. A festa de São João esta no centro das celebrações, sendo antecedida pela festa de Santo Antônio, santo casamenteiro que abre as festividades nos dias que antecedem ao dia 13 de junho e que serão concluídas pela festa de São Pedro no dia 29 do mesmo mês.

Nestas festas se realizam “Novenas de forró” dedicadas a cada santo, que começam nove dias antes de cada festa. Durante cada noite rezam-se e cantam-se orações e cantos religiosos ao Santo, dentro da igreja Católica. Após esta

cerimônia, uma banda de forró (geralmente com sanfona, zabumba e triângulo), conduz a comunidade toda até uma casa onde serão oferecidas comidas e música (forró) para dançar. Cada noite a festa será oferecida por um morador diferente. Em algumas ocasiões será também oferecida uma fogueira de ramos, manifestação tradicional da região em que se coloca uma árvore cortada, no meio de uma fogueira. Nos galhos da árvore tem vários presentes pendurados (comidas, bebidas e dinheiro), de modo que, quando a fogueira é acessa vai queimando a árvore até ela cair no chão, neste momento, os participantes da festa podem pegar os presentes da árvore.

Desta maneira o sagrado e o profano se unem numa única celebração construída pela própria comunidade.

Durante estas festas também, é recorrente ver fogueiras acesas na frente das casas. Nelas, cada dono de casa prepara comidas tradicionais (milho e queijo assados, quentão, canjica, etc.) para serem oferecidas a quem quiser vir celebrar a abundância das colheitas. Pois, as festas juninas têm como uma das suas raízes a celebração e agradecimento pelas colheitas de milho.

Pontos de encontro

No São João das festividades locais e na Pedagogia Waldorf comemora-se a chegada do inverno, sendo a fogueira, as danças e as comidas, metáforas que destacam a importância de manter aceso o nosso sol interno no encontro com o outro, pois é o calor humano que permite que juntos possamos manter acesa nossa chama apesar do frio do inverno. Cabe sinalar, que muitas das comemorações tradicionais do São João no Brasil foram adaptações das tradições que vieram da Europa, especificamente, de Portugal, e que foram se misturando com tradições indígenas e africanas. Assim, as imagens e tradições adotadas pelas festas nas escolas Waldorf no Brasil se encontram e condizem com as das festas populares. Sendo São João mais uma oportunidade de renovação dada pelo solstício de inverno. Nesta época vemos as forças do Arcanjo Gabriel refletidas nas colheitas fartas e as expressões culinárias junto a força do Arcanjo Uriel representada pela fogueira. Inclusive, se olharmos com atenção a “Fogueira de ramos” podemos ver no alto penduradas comidas e outras oferendas simbolizando as forças da nutrição vindas da natureza, graças as forças cósmicas (chuvas) pela ação do Arcanjo Gabriel, e embaixo, a fogueira simbolizando a luz do Arcanjo Uriel, ajudando ao ser humano a manter a própria chama acesa desde a sua consciência.

2.2.4 São Micael.

Para STIRBULOV (2015), Micael é aquele que ajuda a Deus nas tarefas do mundo auxiliando a humanidade a equilibrar o mal e o bem. Representa a força solar, e é o anjo que zela pelo bem da humanidade em nossa época, seu nome quer dizer “quem

é como Deus”. A autora afirma que nesta época a proposta é trabalhar em si mesmo a coragem, a ponderação e a sabedoria como qualidades que os desafios dos tempos de hoje exigem para podermos fazer nossas escolhas. Assim, ressalta a importância da clareza nos nossos objetivos e a força de vontade para viver a coragem de realizar ações que os impulsionam para o futuro.

Como se comemora São Micael nos jardins Waldorf no Brasil?

STIRBULOV (2015), identifica três símbolos a partir dos quais se realizam vivências na Pedagogia Waldorf:

A espada e o dragão. Onde a luta contra o dragão simboliza os nossos desafios cotidianos numa batalha interior contra nossas próprias sombras, enfrentando e dominando com coragem os desafios, podendo assim, o ser humano superar a si próprio e crescer internamente.

A balança, representando o equilíbrio entre o bem e o mal e a busca da verdade, tanto no pensamento claro, no agir consciente, vigoroso e com força de vontade, e na força no sentir.

O globo, onde se alude a missão de Micael de zelar pela humanidade, pela cura no corpo e na alma. Trazendo o ideal da fé e confiança na ajuda do mundo espiritual no caminho aos nossos próprios ideais.

Nas escolas se contam contos com fatos heróicos com personagens como príncipes e princesas que superam grandes desafios. Esta mesma ideia é trazida nas rodas rítmicas. A partir dos cinco anos, realiza-se o “Caracol de Micael”. Nesta celebração as crianças entram uma a uma numa espiral de folhas ou flores, vestidos com capa e portando uma espada, e no meio do caracol cada criança receberá a pedra da coragem a que virá a materializar a ajuda espiritual “trazendo coragem no coração” nos momentos em que se enfrenta a desafios cotidianos.

Principais manifestações tradicionais na localidade de Palmeiras Bahia

São Cosme e Damião

Imagem 4



Esta festa culmina no dia 26 de setembro, mas as festividades podem começar antes de esta data e podem se estender até finais de outubro.

Como muitas das manifestações tradicionais brasileiras, tem seu origem no sincretismo tendo uma raiz que vem de Portugal, com o culto católico aos santos gêmeos, trazido pelos portugueses. Em pequenos povoados, em Portugal, eles também eram cultuados, sendo relacionados ao nascimento de gêmeos. FREITAS (2013)

“O que recorrentemente aparece é que os irmãos nasceram numa aldeia da Síria, onde cresceram e desenvolveram suas habilidades médicas, cuidando dos doentes da aldeia, curando homens, mulheres, crianças e animais” (Freitas 2013 p. 2).

Os santos foram executados no império de Diocleciano por professar a fé cristã, se transformando nos padroeiros dos médicos na Europa.

Podemos encontrar referências desta atividade de cura em canções que hoje são cantadas durante as festas:

“Cosme bate a caixa
Damião bate o tambor
Cosme da remédio
Damião é curador”.

No século XV a igreja católica trouxe os santos no Brasil, onde começaram a “ganhar novos traços tanto na sua iconografia quanto o seu culto” (Freitas 2013. p.2) se

misturando com o culto africano aos orixás gémeos Ibejé. Assim as imagens dos santos foram infantilizadas e associadas a crianças.

Imagem 5



No interior da Chapada Diamantina este culto se relaciona diretamente com o Yaré, manifestação religiosa cultuada pelos escravos e que em algumas localidades tem como única manifestação cultural a festa de São Cosme e Damião.

A manifestação mais comum desta festa é o caruru que começa com um ritual em que sete crianças menores de sete anos sentam-se no chão e comem com as mãos em pequenos pratos, as mesmas comidas que serão oferecidas a comunidade. Tem famílias que oferecem

caruru salgado que se realiza no horário do almoço, que é um prato com comidas típicas, e caruru doce que se realiza no final da tarde, onde são oferecidos bolos, tortas salgadas, sucos, balas e tudo tipo de doces. Em ambos rituais, tem um altar com as imagens de São Cosme e São Damião e algumas outras que variam dependendo da casa (como preto velho, Santa Barbara, Doum, etc.), a mesma comida é oferecida a cada imagem em pequenos pratos e copos, no altar também encontram-se flores, velas e perfume de alfazema para ser usado pelos participantes da festa. No momento em que as sete crianças comem quem participa da festa canta ininterruptamente canções dedicadas aos santos. Após retirada a mesa das sete crianças, a dona da casa reza um pai nosso em roda de mãos dadas junto as crianças. Nos carurus de doces, após levantada a mesa das crianças, geralmente são feitas rezas católicas em quanto na entrada da casa são distribuídos os doces e bolos.

Em alguns carurus salgados ainda se conserva a tradição do samba, neste momento o tambor começa a bater e se abre uma roda de transe mediúnico ao som de músicas específicas que só podem ser cantadas neste momento. Outra manifestação, é a “Galinha gorda”, na que balas e doces são jogadas no ar para as crianças pegarem. Muitas pessoas também doam sacos de balas e doces nas ruas para as crianças. As famílias que oferecem o caruru, Galinha gorda” ou doces tem promessa aos santos,

geralmente relacionadas ao nascimento de gêmeos ou a saúde de algum membro da família.

Cosme e Damião é uma festa que traz o arquétipo da pureza e alegria das crianças. Ela também é feita como uma oferenda para ter abundância.

Isto se reflete em algumas músicas que são cantadas durante a celebração:

“Os anjos todos comeram
Os anjos todos beberam
Na mesa eles vão deixar
Vamos deixar com São Cosme
Que é para o ano tornar dar”

Pontos de encontro

LAMEIRÃO 2017, afirma que a festa de Micael “tem poucas tradições em nossa cultura”. Efetivamente a única festa encontrada na Bahia que tem proximidade cronológica a esta festa é a comemoração de Cosme e Damião.

Ao olhar as manifestações e símbolos das festas de Micael e Cosme e Damião, é difícil encontrar elementos comuns a simples vista, inclusive chama a atenção o fato de duas festas que acontecem em datas tão próximas sejam tão diferentes, ao ponto de chegar a se opor em muitos aspectos, pois em quanto uma traz um clima de introspecção, consciência, ponderação e reflexão, a outra traz um clima extremamente expansivo, de euforia e trance.

Mas, se olharmos além das referências externas visíveis e buscamos o verdadeiro significado espiritual de ambas festas podemos encontrar um profundo sentido no encontro do Arcanjo Micael com os santos gêmeos Cosme e Damião.

Segundo STIRBULOV (2015) Micael é uma força arquetípica que impulsiona o nosso amadurecimento, a coragem de viver. Se pensarmos no primeiro setênio, “esta coragem de viver” e este “amadurecimento” se materializa na coragem de encarnar, da alma da criança habitar o seu próprio corpo físico e o plano terrestre. A festa de Cosme e Damião, comemora a alegria de ser criança, a alegria de estar encarnada na terra, e alegria de receber novas crianças na terra. Traz a alegria de estar vivo num mundo bom, onde tem abundância, solidariedade e saúde. Se olharmos desde a ação

dos Arcanjos, vemos a atuação cósmica da cura irradiada pelo Arcanjo Rafael representada nos gêmeos curadores Cosme e Damião. Em quanto que, Micael trabalha desde a Terra, a força de vontade do ser humano para superar os desafios. Se analisarmos hoje em dia, o arquétipo já sincretizado de Cosme e Damião, junto aos valores alusivos a pureza, alegria e abundância, encontraremos características humanas próprias da fase infantil:

“Cosme e Damião

Menino vadio

Pegou sua espada

E foi brincar no rio”.

Em geral, tanto na observação das músicas como no comportamento das pessoas durante o transe mediúnico e das crianças nos dias da festa, é possível observar alusão a comportamentos infantis desafiadores, o que requer do aprimoramento pessoal do adulto perante as crianças. Este poderia ser um motivo das festas acontecerem em datas tão próximas. Rafael traz a cura do ser humano despertando o desafio da maturidade emocional, em quanto Micael age na força de vontade, para ajudar a cada um a superar este desafio de se tornar um verdadeiro ser humano, capaz de cuidar com amor incondicional aos outros seres humanos, ajudando-os no seu crescimento, graças ao seu equilíbrio emocional e espiritual. Este poderia ser o motivo pelo qual a festa de São Cosme e Damião ser comemorada fora da escola, em quanto a festa de Micael é comemorada dentro dela.

2.3 Incorporando as manifestações tradicionais locais

2.3.1 Por que é importante?

As manifestações tradicionais locais são a expressão do povo organizado para celebrar ritos importantes para a comunidade, e se expressam utilizando imagens significativas tanto para o grupo humano como um todo, quanto para cada indivíduo inserido nela. Com isso, MENDOÇA (2001), afirma que “ a festa explicita pertence, de alguma forma, ao repertório de práticas e de sentidos inerentes ao cotidiano dos indivíduos” (p.6). CAILLOIS (1950), citado por AMARAL (1998), define festa popular

como o paroxismo da sociedade ideal, que purifica e renova, “um fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a "revigoração" do ser" (p. 38).

Este repertório renasce ano a ano partir da memória viva de cada grupo social. MENDOÇA (2001), reconhece a memória coletiva como substrato das manifestações culturais populares, afirmando que nas festas tradicionais “relatos passados atualizados nas celebrações dão sentido ao presente e aos projetos futuros” (p.5) agregando que graças a memória coletiva é possível a legitimação, requalificação e transmissão da sua cultura, saberes, práticas e valores mesmo que estes sejam opostos aos valores promovidos pela cultura dominante.

As festas tradicionais são manifestações culturais construídas com as mãos da comunidade. Em geral, preparadas com materiais locais ou reciclados, assim pode-se notar a valorização do trabalho manual, um recurso pedagógico que ajuda no desenvolvimento da vontade, mas, infelizmente, tão desvalorizado e escasso nesta era cibernética. Estas festas tem um substrato anímico emocional na biografia da comunidade, das famílias e de cada ser humano. Pois em geral, os saberes são transpassados de geração à geração. Assim o saber transpassado fortalece também a lembrança e o carinho pelo mestre. Tais saberes outorgam um sentimento de pertencimento a um grupo, o que atua como envoltório, dando segurança a criança ao agir positivamente no desenvolvimento da sua identidade.

Neste sentido, MENDOÇA (2001), afirma que os processos de transmissão de conhecimento permitem tecer laços de solidariedade, de identidade e de um sentimento de pertencimento que vão-se definindo ao longo de numerosas interações sociais e de relações que os membros dos grupos ou comunidades estabelecem entre si e com os outros. Para DURKHEIM (1968), Citado por AMARAL (1998), a festa reanima "periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais" (Durkheim, 1968:536, p.26), podendo assim entrar “em contato direto com a fonte de "energia" social”. AMARAL (1998) p.28. Também MENDOÇA (2001) sinala que as festas populares “se constituem em espaços sociais privilegiados de construção de identidades coletivas” (p.1). A autora ressalta ademais a importância da construção de identidades como um elemento fundamental na elaboração de projetos sociais ao promover a constituição de sujeitos sociais ativos. Por outra parte, a linguagem e as imagens trazidas pelas festas tradicionais tem muito a ver com a linguagem da cultura

infantil, pois provêm de um estágio de desenvolvimento primordial do ser humano, o que remete a raiz da humanidade, trazendo elementos que virão ajudar à encarnação da criança. Esta linguagem e imagens estão diretamente relacionadas com a cultura e história das famílias que compõem a escola. Desde esta perspectiva, AMARAL (1998) sinala que a festa além de um fenômeno social é um fundamento de comunicação, “uma das expressões mais completas e “perfeitas” das utopias humanas de igualdade, liberdade e fraternidade” (p. 51). Cabe destacar que estes valores de igualdade, liberdade e fraternidade coincidem com as bases sociais constitutivas na gestão e organização das escolas Waldorf.

MENDOÇA (2001), afirma que “a produção de expressões culturais tradicionais realiza-se dentro de uma perspectiva de reprodução simbólica de praticas e vivências compartilhadas” (p.5). Podemos ver assim como estes elementos simbólicos agem num nível profundo encarnando forças arquetípicas ligadas a ideais humanos, de maneira que cada festividade traz para a terra uma representação daquilo que a comunidade almeja para sua vida e suas relações naquele momento do ano. STIRBULOV (2015).

Neste sentido, a autora sinala que as festas estão ligadas às “forças da natureza e também das diferentes culturas e crenças religiosas de cada povo, modificando apenas o conteúdo e os símbolos de cada uma” (p.154)

A Pedagogia Waldorf aborda as festas cristãs e a energia crística desde uma perspectiva universal se centrando nos valores e arquétipos trazidos por cada festa, como possibilidades de se religar com a espiritualidade e não desde doutrinas ou preceitos de religiões específicas. Tudo isto faz possível e requer um diálogo com as manifestações populares que surgem com o mesmo objetivo das festas cristãs mas trazendo imagens e símbolos significativos tanto para as crianças quanto para suas famílias e a comunidade em geral. Inclusive as festas tradicionais em sua maioria são fruto do sincretismo de manifestações dos povos nativos e/ou africanos com tradições católicas trazidas da Europa pelos colonizadores muitas vezes como forma de resistência e ressignificação cultural.

2.3.2 O cultivo da alma do povo e sua importância no primeiro setênio.

Durante o primeiro setênio a criança está construindo as bases da sua identidade, a partir da imitação dos adultos com que convive, a criança vivencia o mundo como se tudo o que encontra fosse uma coisa só com ela mesma e a partir dos três anos vai gradualmente tomando consciência da sua individualidade. As vivências durante a primeira infância ficam guardadas no subconsciente influenciando a construção da identidade pelo resto da vida. Assim a identidade cultural tem um papel fundamental dando uma base de identificação cultural para a construção da identidade individual. O desenvolvimento da identidade cultural esta diretamente vinculada ao cultivo da alma do povo, que refere-se às forças que orientam qualidades e peculiaridades que definem um grupo humano que vive num mesmo território, incorporando características e manifestações culturais, linguagem, hábitos e costumes que foram passadas de geração em geração. (STEINER 1910)

STEINER, 1910 reafirma a importância do cultivo da alma do povo para o desenvolvimento da humanidade:

...”os membros de um povo só poderão dar sua contribuição livre e concreta a essa missão comum...”(a missão da humanidade) “...se antes de mais nada tiverem a compreensão de sua índole étnica, do que poderíamos chamar de "auto cognição da etnia". p.2.

O autor agrega que

“Na antiga Grécia, nos mistérios apolíneos, a expressão "conhece-te a ti mesmo" teve papel muito importante; assim, num futuro não muito distante, as almas dos povos ouvirão o apelo: "Conhecei-vos a vós mesmos como almas dos povos." Essa frase terá uma certa importância para a atuação da humanidade no futuro”. p.2

Se contextualizarmos este texto escrito em 1910, veremos uma sociedade bem diferente da atual onde não existiam os meios de comunicação que existem atualmente, uma sociedade onde a cultura local tinha uma vida intensa e os conteúdos culturais eram efetivamente transpassados de geração à geração dentro da família. Podemos entender então, que esta “humanidade no futuro” corresponderia aos nossos dias em que a globalização através dos meios de comunicação (televisão, mídias e redes sociais) está de alguma maneira contribuindo na homogeneização dos grupos humanos e no esquecimento e perda de saberes e manifestações locais.

À respeito MENDOÇA (2001) afirma que hoje o mercado coisifica os indivíduos transformando as relações entre os homens em relações mercantis, e desta maneira o ser humano é desvinculado de seus semelhantes no espaço e no tempo ao deslocar sua satisfação em função de mercadorias materiais, simbólicas e virtuais, dificultando o processo de se constituir em sujeito da sua própria existência. Com isso, as festas populares se configuram em possibilidades para os indivíduos de “reafirmar sua condição de seres humanos em busca de uma existência mais significativa”. (MENDOÇA 2001, p.2). Neste mesmo sentido, a autora, agrega que

“a construção de identidades contém, de alguma forma, um certo posicionamento, um certo projeto, e isso pode ser muito produtivo em uma época em que o individualismo e o surgimento de identificações precárias e provisórias se consolidam”. (p.7)

Neste contexto, cabe a escola, enquanto espaço de encontro social, instituição e agente de transmissão cultural, reconhecida e valorizada pela sociedade em geral, a importante missão de aprender da comunidade em que se insere valorizando socialmente o acervo identitário local, ajudando cada ser humano a conhecer e reconhecer a alma do povo da comunidade a qual pertence, e desta maneira, ajudar a cada estudante a se conhecer enquanto sujeito individual e social.

2.3.3 Como podemos incorporar as manifestações tradicionais no currículo do Jardim Waldorf?

São muitas as possibilidades de enriquecer o dia a dia do ensino infantil ao incorporar manifestações tradicionais. Para isto, é preciso um olhar atento a comunidade, suas festas e a sabedoria dos seus membros. Um primeiro passo é identificar quais são as festas anuais da comunidade e como são comemoradas, identificar as imagens de cada festa, refletindo à respeito das forças e valores que estas imagens vem trazendo. Posteriormente, é importante se perguntar como esta festa se relaciona com o calendário e as festas do currículo Waldorf.

No planejamento mensal de cada época podemos incorporar na roda rítmica e no repertório da época, elementos da cultura popular, cantando canções tradicionais da região ou músicas com ritmos regionais. Neste sentido, é importante ter o cuidado de adequar o andamento das músicas às situações e objetivos pedagógicos, cantando

elas em andamento mais lento em momentos de concentração, por exemplo, na roda rítmica, podendo subir o andamento em momentos de expansão, por exemplo com ocasião de um baile durante uma festa. Devemos ter o mesmo cuidado em relação a intensidade, tentando manter um volume de moderado a baixo. No canto de época, podemos utilizar materiais e imagens próprias da região, vinculadas ao cotidiano do povo e da natureza. No brincar livre, pode-se incorporar brinquedos produzidos por artesões locais com materiais do lugar. Ao vivenciar as festas tradicionais no jardim devemos ter o cuidado de não entrar em conflito com as crenças de nenhuma das famílias da escola, nem com as próprias crenças do corpo docente. Em certas ocasiões só será possível incorporar o arquétipo da festa sem utilizar imagens nem nomes e sim metáforas que representem as forças e valores que a festividade vem trazer. Em outras ocasiões a preparação do festejo será o elemento central e guia da época e a festividade local será comemorada como o momento em que culmine da época.

Quais podem ser as fontes para conhecer a cultura local?

Se o(a) professor(a) for nativo(a) ou morador(a) há muitos anos da comunidade, o primeiro passo será contatar com a sua própria história dentro da comunidade, resgatando memórias de infância, fatos, contos, brincadeiras e canções escutados dos mais velhos. Depois, pode-se recorrer a informantes da própria comunidade começando pela comunidade escolar, podendo ser algum professor, funcionário, avó, pai ou mãe da escola, para depois se expandir a informantes de fora da escola como pessoas mais antigas, mestres, brincantes, etc. Se ainda não conseguir todo o material, no ultimo caso pode se procurar mídias virtuais na internet, sendo importante priorizar o contato direto com informantes aos recursos digitais. Também é importante ter o cuidado de preservar as músicas, brincadeiras, contos e versos passados pelos informantes citando-os quando for possível. Resulta importante estabelecer vínculos entre a comunidade educativa e os informantes locais, reconhecendo e valorizando seu papel como agentes de transmissão de cultura e identidade.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Minha experiência com incorporação de elementos das manifestações tradicionais começou em 2014 numa escola de ensino infantil no Vale do Capão distrito da Cidade de Palmeiras na Chapada Diamantina. Esta, é uma escola particular onde as crianças e seus familiares vieram morar nesta localidade, sendo algumas de diversas regiões do Brasil e outras de países estrangeiros. Neste Vale, encontra-se uma manifestação cultural típica da região chamada Lapinha, realizada no mês de dezembro, época de advento no calendário anual do jardim Waldorf . Atualmente a Lapinha é mantida no Vale do Capão por apenas duas senhoras, uma delas Dona Anita que com mais de 90 anos, continua montando anualmente a lapinha com ajuda dos seus parentes.

Imagem 6



A lapinha é uma expressão da religiosidade, uma preparação para a chegada do Natal, é uma exposição de brinquedos de antanho junto a brinquedos atuais dispostos num cenário de flores, plantas, luzes, velas e areia trazida do alto da serra. Esta prática desperta no coração o sentimento da simplicidade da infância de antigamente.

Na lapinha não tem apenas uma sagrada família, pois ano a ano novos presépios e enfeites são ofertados pelos visitantes para enfeitar este altar de devoção ao nascimento do menino Jesus no coração de cada ser humano.

Dona Anita, nesta época fica totalmente dedicada a receber quem chegar à sua casa com café e biscoitos, para mostrar a lapinha e contar como era o Vale do Capão antigamente.

Imagem 7



Por anos frequentei esta lapinha e a casa de Dona Anita que ficava bem próxima da escola, ela me comentava que algumas pessoas traziam brinquedos de presente para acrescentar o presépio. Certa vez, havia chegado a época de pastores e eu tinha planejado vivenciar o processo da lã junto com as crianças, começando por cardar, tirando os

picões, para depois fiar e finalmente tecer um pequeno cobertor. Mas ainda faltava dar um sentido para esta produção. Para que utilizaríamos este cobertor? Foi então que encontrei a sua finalidade e o nexó entre a época de pastores e o advento. Teceríamos dois cobertores um seria um presente para o nosso presépio e o segundo seria o presente para a lapinha de Dona Anita.

Imagem 8



A partir desse ano e mais dois anos seguintes que continuei nesta escola, repetimos esta experiência trabalhando na vivência de outras técnicas têxteis como pompôm e feltragem com sabão. E cada ano, o dia da visita na lapinha de Dona Anita era esperado com entusiasmo pelas crianças que admiravam com curiosidade e veneração cada elemento e brinquedo exposto na lapinha. Inspirada nestas visitas, compus este xote cujo refrão era cantado junto as crianças no caminho para a lapinha de Dona Anita:

“Na casa de Dona Anita
Tem cinco portas e cinco janelas
Ela é toda azulzinha
E no natal lá dentro tem uma lapinha

Refrão:

Mais que bonita
Mais que bonita
É a casa de Dona Anita

E quando vem natal
Todo se enche de luz
É o menino Jesus
Com amor nos confortar

Imagem 9



Tá na lapinha
Todo cheio de brinquedos
Junto de nossa senhora
Tem bichinhos e arvoredos”.

No ano 2018, fundamos Escola Murundu uma iniciativa social associativa, na cidade de Palmeiras, sede do município. Nesta escola, mais da metade dos alunos são bolsistas e a maioria das famílias são nativas, e em situação de vulnerabilidade social. Nesta escola, quase nenhuma criança tinha contato algum com o processo da lã. Poucas crianças saíram de Palmeiras onde os carneiros não tem pelo suficiente para fabricar lã e em geral são criados para serem comidos. Neste contexto, tinha que encontrar alguma outra matéria prima que tivesse relação com a vida das crianças e a história das suas famílias, majoritariamente afrodescendentes.

No mês de Novembro (época de pastores) começaram fazer um sombreamento no parquinho da escola, para isto utilizariam palha de palmeira licurí. Esta matéria prima é utilizada na região para fazer telhados, cestas, esteiras e inúmeros objetos de uso cotidiano e ainda tem algumas pessoas que tem o conhecimento de como colher e trabalhar com este material. Procurei então as mulheres artesãs da Comunidade Quilombola do Corcovado que residem em Palmeiras, para me iniciar no trabalho da palha. Elas me contaram que, no marco do mês da consciência negra, estavam realizando um projeto na Escola Municipal de Ensino Fundamental em Palmeiras e me convidaram para assistir a uma aula na qual aprendi duas técnicas de trabalho da palha (trançado para esteira e estrela de palha) elas também doaram a matéria prima para fabricar estes artesanatos. Realizei entrevistas pessoais com algumas destas mulheres quilombolas e seus parentes mais antigos dos quais pesquisei o processo da palha e obtive a informação sobre a colheita e preparação do material para fazer artesanato, e dados com sentido socioambiental como a necessidade de, ao tirar a palha de um “olho” (broto) do pé de Licurí, deixar o outro “olho” para a palmeira continuar vivendo. Também pesquisei sobre músicas que falaram sobre o licurí. No entanto, só consegui uma música que, pela sua temática não foi possível de ser cantada com as crianças, mais foi importante para dar luz à importância histórica desta palmeira como meio de subsistência, através da recolção e venda da cera da folha

da palmeira. Transcrevo aqui a letra de esta música em ritmo de “chula” manifestação musical tradicional da Comunidade Quilombola do Corcovado:

Imagem 10

“Pó de palha deu alta
Deu de cinco mil reis
De cinco passou pra dez
Eu também vou pro mato tirar
Que seria da pobreza se o pó de palha
acabar
Pó de palha deu alta”.



Coincidentemente nesta mesma época, fui convidada para fazer uma apresentação de samba de coco num projeto no Estabelecimento do Ensino Médio no povoado de Tejuco distrito da cidade de Palmeiras. Neste projeto, os estudantes, apresentaram pesquisas sobre o Licurí nas diversas disciplinas. Na disciplina de ciências apresentaram trabalhos sobre a composição química do coco, o ciclo de vida da palmeira, os parasitas presentes, dentre outros conhecimentos. Na disciplina de artes, foram expostas diversas obras feitas com a palha, galhos, e vagem dos cocos. Mas o que mais me trouxe informações para o trabalho no jardim, foram as redações feitas pelos estudantes que informava as entrevistas feitas aos seus pais e avôs. Nestes trabalhos incluíam-se relatos da vida de antigamente e como a palmeira de Licurí era utilizada de diversas maneiras na vida cotidiana permitindo a subsistência e autonomia numa época em que não existiam mercados por perto e muitas das famílias tinham pouco dinheiro. Os materiais para a construção da casa, sabão, óleo, iluminação, objetos de uso cotidiano e brinquedos eram confeccionados a partir da matéria prima desta Palmeira.

Na mesma época, no Município de Palmeiras três instituições educativas, uma do ensino infantil, outra do ensino fundamental e outra do ensino médio, pesquisavam sobre o Licurí. Com certeza, alguma força maior estava guiando este olhar, um olhar para o passado, para a identidade de um município que não por acaso recebeu este nome.

É interessante como coincidentemente no mês de novembro (mês em que trabalhamos a época de pastores) nas escolas tradicionais do Brasil é trabalhada a temática da consciência negra, no marco da comemoração da abolição da escravidão, este hito pode ser entendido como o advento do anseio humano de uma maneira mais amorosa de nos relacionar desde nossas diferenças.

Com todas estas informações e materiais me dispus a trabalhar a época de pastores focando em três ações de planejamento pedagógico: criar uma roda rítmica que descrevesse o processo da palha de licuri desde sua colheita até a confecção de um utensílio de uso diário, a confecção do canto de época do advento (presépio Waldorf) e a confecção de um presente a ser levado para alguma lapinha na cidade de Palmeiras, tudo isto feito com materiais da região e principalmente com palha de Licuri.

3.1 A roda rítmica do Licuri

Como não encontrei nenhuma música possível de ser usada na roda, com informantes locais, procurei uma música do pastoril (manifestação tradicional pernambucana realizada na época do advento) e adaptei a nossa realidade. As outras músicas da roda são de minha autoria com letras inspiradas nos relatos dos informantes da Comunidade Quilombola do Corcovado e com melodias inspiradas em elementos musicais da cultura nordestina.

Roda do Licuri

(Cantando em roda)

Marchinha lenta (pastoril do Pernambuco adaptado)

“Somos pastores
e somos pastoras
que alegremente
vamos a Belém”.

(Entra uma criança (pode ser o ajudante do dia) no meio da roda para ser o pé se Licurí)

(Recitado)

“Menino Jesus vai nascer

Lá no portal de Belém

Que presente levaremos

Pra louvar menino Deus?”

“Já sei!

Olha o Licurí!”

(Cantando e fazendo gestos)

(rastapé lento)

“Olha o Licurí

sente como cheira

Ele tem uma palha

Que da pra fazer esteira.”

(Recitado)

“ Lá no alto da palmeira

Tem dois olhos a crescer

Vou cortar só um

Para o pé poder viver”

(Cantando e fazendo gestos)

(baião lento)

“Pego meu facão na mão

Subo no topo do pé

Colho um olho

E deixo o outro

Para o Licurí crescer”

(a criança que era pé de licuri sai do meio da roda)

(Recitado)

“olha quanta palha

Vamos destalhar, tirar os talos e pôr

Para secar”.

(Cantando e fazendo gestos)

(valsa)

“Destalha a palha, destalha a palha, destalha a palha pra trabalhar

Separa as folhas uma a uma

Separa as folha pra o sol secar

O sol esquentou

A palha secou”

(Recitado)

“A palha já está seca

Vamos aabri-la

Para trança-la”

(Cantando e fazendo gestos)

(Baião lento)

“Abre a palha tecedeira

Para tecer uma esteira

Vai tecendo

por cima, por baixo

por cima, por baixo

a palha a trançar

vai tecendo

pra dentro e pra fora

pra dentro e agora

vamos costurar...”

(recitado)“ costura de aqui, costura de lá...

Da um nó... e puxa.”

“pronta a esteira está”

(sentados cantando)

imagem 11



“Menino Deus

A ti ofertamos

O trabalho das nossas mãos”

A roda trabalha principalmente o contato com os elementos da ancestralidade através do conhecimento de técnicas de trabalhos manuais tradicionais e a valorização dos mesmos, assim como através da interpretação de músicas com ritmos e escalas característicos da música regional. Além disso trabalha a motricidade geral através de gestos, movimentos, noções espaciais e temporais e sequencialidade de ações para chegar num objetivo. Pelo fato de ser quase o final do ano, e as crianças já estarem mais habituadas a participar de rodas rítmicas todos os dias, foi possível pensar numa roda mais cumprida. As crianças desfrutaram a roda, vivenciando diariamente na fantasia, música e gestos a colheita da palha, sua preparação e confecção. Quando mudou de roda no mês de dezembro, ainda pediam a roda do licurí!

3.2 O processo de construção do Presépio e do presente para a lapinha

Imagem 12



Neste processo utilizei palha de licurí e outros materiais comuns na região como bucha vegetal (colheita da cerca viva plantada pelos próprios estudantes) e palha de milho (resíduo do lanche). As crianças se motivaram ao me ver trabalhar com estes materiais e também quiseram vivenciar esta experiência. Para isto, procuramos alternativas mais simples de trabalho com a palha, como pequenos brinquedos criados pelas crianças maiores com ajuda da professora. Para as crianças menores a vivência foi mais sensorial ao manipular o material experimentando as possibilidades e resistência do mesmo ao dobrar, puxar, cortar ou desfilar. Em ambos casos, levaram palhas para brincar em casa. Assim, dedicamos o mês de novembro a vivenciar o trabalho com a palha tanto na roda como nos momentos do brincar livre, em que brincavam com palha, em quanto a professora confeccionava os bonecos de palha para nosso presépio.

Imagem 13



A imagem de esta época também foi trabalhada no mês de Novembro através de um canto de época feito com Bonecas Abayomi (técnica africana de construção de bonecos feitos a partir de retalhos amarrados). Como uma representação de uma cena da colheita e o trançado da palha. Uma cena vivenciada por ancestrais e parentes de quase todas as crianças, sobretudo, uma cena ainda vigente na cidade de Palmeiras.

Chegado o advento e já com todas as peças de palha prontas, durante um momento da reunião pedagógica montamos o presépio. No dia seguinte, as crianças

ficaram muito felizes e a cada dia traziam pedrinhas ou flores para enfeitá-lo ainda mais.

Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16



Durante o mês de dezembro, continuei reservando um tempo do brincar livre para confeccionar outros enfeites de palha, como a nossa árvore de natal, enfeites pra porta e a estrela que seria o presente para a lapinha de Dona Glorinha.

Na última semana de aula, finalmente fomos visitar a lapinha de Dona Glorinha, avó de um dos estudantes da escola.

Imagem 17



Dona Glorinha, dentre outras ocupações, se dedica a catar lixo no lixão de Palmeiras, e esta é justamente a característica da sua lapinha, quase todos os brinquedos, luzes e enfeites são reciclados do lixão ou confeccionados com materiais reciclados. Assim também a montagem da lapinha é feita por Dona Glorinha junto a seu marido, nora, filhos e netos.

Imagem 18



Quando chegou o dia da visita, toda a turma estava animada na expectativa de conhecer a lapinha e entregar o presente. Antes de sair fizemos um desenho coletivo para construir com ele um belo envelope para guardar o presente a ser entregue na lapinha.

No caminho cantamos animadamente canções de natal e uma pequena canção composta espontaneamente na hora para comemorar esse momento:

“Vamos na lapinha

Na lapinha da Dona Glorinha”.



Imagem 19

Imagem 20



As crianças adoraram a lapinha e o passeio. O presente, uma estrela de Belém de palha de licuri, foi entregue a Dona Glorinha e ficou fazendo parte da lapinha...E quem sabe daqui há alguns anos algum jovem ou adulto ao visitar a lapinha evocará belos momentos da infância, brincadeiras sadias, num ambiente simples porem acolhedor que o acolheu com suas origens e com uma cultura que traz sabedoria desde um passado que vive no presente de cada ser humano?

Vemos assim, que a cultura popular assume um rol fundamental trazendo referências na vida da criança e na construção da sua própria identidade, como indivíduo que forma parte de uma coletividade. Por tudo isto, torna-se imprescindível valorizar e inserir a cultura popular no currículo escolar, como conteúdo valioso e de suma importância para o desenvolvimento da criança. Assim a escola além de se tornar um agente de transmissão da cultura global e local, se transforma num agente de preservação dos saberes da comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A inclusão das manifestações tradicionais no calendário anual e por isto no curriculum do jardim de infância promove a auto estima das famílias e da comunidade ao ver a escola como uma instituição que transmite a cultura familiar e comunitária como conhecimentos válidos e valiosos para o desenvolvimento do ser humano. Para fazer isto possível, o(a) professor(a) do jardim deve prestar atenção aos materiais, linguagens artísticas, musicais e agentes de transmissão dos saberes presentes na comunidade, sejam estes mestres, conhecedores de ofícios, líderes comunitários, outros professores, participantes de grupos de cultura popular, dentre outros. Assim, estas práticas promovem os laços entre a família, a comunidade e a escola.

O desenvolvimento da alma do povo traz elementos da nossa ancestralidade o que nos ligam à nossa raiz, nossa origem como povo e como comunidade. Esta raiz comum vai cultivando um chão firme para a criança do primeiro setênio encarnar de maneira integral e saudável, contribuindo no posterior desenvolvimento de seres humanos íntegros com a consciência de que formam parte de um todo maior, o que ajuda na evolução da humanidade em seu conjunto.

Vemos tanto na teoria quanto na pratica, que é possível incorporar elementos da cultura local no currículo da escola, destacando sua importância através da celebração de festas. Tudo isto enriquece e dá sentido ao processo pedagógico, na vida da criança, da escola e da comunidade, como um tripé que se retroalimenta para crescer conjuntamente. Sem embargo, ainda existe uma desvalorização dos saberes locais como acervo identitário no meio escolar e na sociedade em seu conjunto. Por isto, torna-se importante e necessário o estudo e incorporação da cultura popular no currículo desde o ensino infantil até o ensino médio. A escola como instituição responsável pela transmissão cultural deve assumir também a transmissão das culturas identitárias. Isto é ainda mais possível de ser feito no ensino infantil em que as crianças ainda não deveriam tratar conteúdos intelectuais e sim ter acesso a experiências significativas vivenciadas através do corpo, movimento e

Imagem 21



sensorialmente. Por fim, a cultura local oferece inúmeros recursos pedagógicos desde brinquedos simples feitos com materiais naturais, brincadeiras, músicas, histórias, etc. Recursos vindos de uma época em que brinquedo e brincadeira eram sinônimos pois o próprio corpo e a natureza outorgavam possibilidades infinitas de diversão, descoberta, criatividade e desenvolvimento.

INDICE DE IMAGENS

Imagem 1- Terno de Reis das Ciganas na lapinha de Dona Anita (Povoado de Caeté Açú, Município de Palmeiras, BA)

Imagem 2- Reisado das Andorinhas (Cidade de Palmeiras, BA)

Imagem 3- Fogueira de Ramos. (Povoado de Conceição dos Gatos, Município de Palmeiras, BA)

Imagem 4- Altar de Cosme e Damião (Povoado de Caeté Açú, Município de Palmeiras, BA)

Imagem 5- Mesa de Cosme e Damião (Povoado de Caeté Açú, Município de Palmeiras, BA)

Imagem 6- Crianças da escola na visita a lapinha de Dona Anita (Povoado de Caeté Açú, Município de Palmeiras, BA)

Imagem 7- Dona Anita junto das crianças da escola no quintal da sua casa.

Imagem 8- Confecção de flor feltrada para dar de presente a Dona Anita (Povoado de Caeté Açú, Município de Palmeiras, BA)

Imagem 9- Presente, flor feltrada, formando parte da lapinha de Dona Anita (Povoado de Caeté Açú, Município de Palmeiras, BA)

Imagem 10- Artesões da Comunidade de Corcovado tecendo a palha de Licuri. (Comunidade Quilombola de Corcovado, Município de Palmeiras, BA).

Imagem 11- Criança da escola brincando com palha (Cidade de Palmeiras, BA)

Imagem 12- Professora confeccionando o presépio com palha junto a criança da turma. (Cidade de Palmeiras, BA)

Imagem 13- Canto de época do mês de Novembro.

Imagem 14- Canto de época do mês de Dezembro

Imagem 15- Anjo e estrela. Mesa de época do mês de Dezembro.

Imagem 16- Virgem Maria. mesa de época mês de Dezembro.

Imagem 17- Enfeite de porta, mês de Dezembro

Imagem 18- Crianças da Escola na lapinha de Dona Glorinha.

Imagem 19- Crianças e professoras entregando estrela de palha de presente para sua Lapinha

Imagem 20- Lapinha de Dona Glorinha (Cidade de Palmeiras, BA)

Imagem 21- Presente Estrela de palha formando parte da lapinha de Dona Glorinha.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA Karin Evelyn Scheven. O caminho de Cristo . O resgate da magia das festas cristãs. Editora Antroposófica. SP, 2012

AMARAL Rita de Cássia de Mello Peixoto. Festa à Brasileira. Significados do festejar, no país que “não é serio ”. Tese de Doutorado UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA. SP,1998.

FREITAS Morena Barroso Martins de. A festa de Cosme e Damião: uma etnografia de doces e crianças pelas ruas do Rio de Janeiro. RJ, 2013.

LAMEIRÃO Luiza Helena Tannuri. Ao longo do ano. Atmosferas, reflexões, festividades. Editora João de Barro. SP, 2013.

MENDOÇA Maria Luiza Martins. Festas populares hoje: muito além da tradição. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001.

STEINER Rudolf. A missão da alma dos povos. São Paulo. Editora Antroposófica.1910.

STEINER Rudolf. A atuação conjunta dos quatro Arcanjos. São Paulo. Editora Antroposófica.1923.

STIRBULOV, Sandra e LAVIANO Rosemeire. A arte de educar em família: os desafios de ser mãe e pai nos dias de hoje. São Paulo: All Print Editora, 2015.